

# Delfim encontrará Larosière, do FMI, em Paris

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Ministro do Planejamento, Delfim Netto, foi à Europa para encontrar-se com o Diretor Gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, que está em férias. Dependendo do resultado desse encontro, Delfim poderá iniciar a renegociação da dívida externa brasileira junto ao Clube de Paris, cujo total está entre US\$ 7 bilhões e US\$ 8 bilhões, segundo revelou ontem, o Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas.

Galvêas voltou a afirmar que o processo global de renegociação da dívida externa continua condicionado à aprovação, pelo FMI, do novo programa de ajuste para a economia brasileira. Essa renegociação, no entanto, afirmou, pode ser iniciada durante a visita do Ministro Delfim Netto à Europa, desde que haja condições para isso — ou seja, desde que seja positivo o resultado da conversa entre o Ministro do Planejamento e Larosière.

Segundo Galvêas, está em andamento um lento processo de negocia-

ções com a comunidade financeira internacional. Por enquanto, afirma, ainda estão sendo levantadas as necessidades de financiamento.

— Isso — explicou — depende de uma série de contas e projeções relativas ao balanço de pagamentos do próximo ano, que ainda nem foram definidas junto ao Fundo Monetário Internacional.

## JUROS

Para 1984, Galvêas prevê que o País precisará desembolsar cerca de US\$ 11,2 bilhões, apenas com o pagamento de juros ao exterior.

O refinanciamento dos juros, no entanto, não está sendo discutido na renegociação da dívida. O que está sendo negociado é o pagamento das amortizações do capital em 83 e 84. O Ministro disse que os juros estão excluídos do pacote em renegociação porque “não se pode agredir os banqueiros em seu ponto mais sensível!”.

Para Galvêas, não há diferença entre a renegociação dos juros e a liberação de novos empréstimos para que o País pague, inclusive, os juros que deve. Para ele, o Governo não está pagando juros porque quer:

— Você acha que pagamos juros rindo? — perguntou à repórter.

O esquema de renegociação da dívida sem colocar em questão o pagamento é o preferido pelos banqueiros internacionais, como ponderou o Ministro. Esse é o esquema já utilizado no projeto II, de refinanciamento da dívida, que prevê prazos de oito anos para o pagamento das amortizações, com dois a três anos de carência. Ontem, aliás, o Porta-Voz do Ministro, diplomata Pedro Luiz Rodrigues, retificou a informação liberada na terça-feira, sobre os novos prazos, de aproximadamente oito anos, incluem três anos de carência, o que deixa, na prática, cinco anos para o pagamento de amortizações.

A dívida do Brasil junto ao Clube de Paris — entidade informal que reúne as instituições financeiras oficiais e de governos europeus — também requer um lento processo de negociação.

— Primeiro, você entra na antesala, depois você conversa e, até sentar na mesa de negociações, tem um protocolo a cumprir — comentou Galvêas.

## BANQUEIRO CONFIRMA

O Vice-Presidente do Bank of América, William Bolim, esteve ontem com o Ministro da Fazenda e confirmou, à saída, que não está em discussão o refinanciamento dos juros devidos pelo Brasil à comunidade financeira internacional, nos contatos que as autoridades brasileiras vêm mantendo com o Sub-Comitê de Assessoramento, formado por 14 grandes bancos internacionais.

O Bank of América, segundo seu representante no Brasil, Joel Korn, acredita plenamente que o Brasil chegará a bom termo com os banqueiros estrangeiros para a renegociação de sua dívida externa, graças ao grande potencial que tem o País.

Para Korn, a palavra moratória é mal usada. O que existe — explicou — é uma renegociação que envolve muitas partes, e, por isso, tem um processo lento.

Ele informou que, no momento, o Bank of América, como os outros credores brasileiros, está analisando o fluxo de caixa brasileiro e definindo critérios para o pagamento do serviço da dívida.